

GLOBALIZAÇÃO E FRAGMENTAÇÃO DO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Rogério Haesbaert (org.)

EDUFF, NITERÓI – 1998

O mundo está em rápida mudança. Desta vez, por conta da globalização-fragmentação. Tanto quanto o conteúdo e a forma, para onde vai e quais são as tendências do por-vir desse mundo são as questões que procura responder a equipe de professores de Geografia Regional do Departamento de Geografia da UFF, num livro de título *Globalização e Fragmentação do Mundo Contemporâneo*, publicado pela Editora da UFF. Título que já indica o eixo das respostas da equipe, formuladas na linha da velha e boa geografia regional dos continentes.

O texto introdutório de Rogério Haesbaert, organizador da coletânea, enfoca o tema-título: a globalização e seu contraponto, a fragmentação. Temas que, caídos no vazio tanto foi seu uso e abuso, têm seu conteúdo aqui explicitado. A globalização não é um conteúdo em si. Mais que a forma geográfica que a economia política do capitalismo assume neste trânsito de século na história, é uma complexidade que envolve a um só tempo uma economia política, territorialidade da política e um paradigma de meio ambiente novos, além da emergência da multiculturalidade. Daí que sua expressão geográfica concreta seja a fragmentação, algo diferente de um espaço-mundo globalmente homogeneizado.

A análise dos Estados Unidos que se segue, texto de João Rua, professor da UERJ/PUC-RJ que se soma à equipe da UFF, vem dentro desse enfoque. O recortamento do espaço americano pela nova ordem rearruma a velha divisão regional na territorialidade do trabalho-produção flexível: o clássico formato dos “belts” é vencido pelo desenho da reestruturação neofordista.

O texto de Jorge Luiz Barbosa traz uma abordagem nova no enfoque sobre a Europa unificada, designada pelo autor de “a utopia do capitalismo tardio”. Mais que um fechamento de fronteira frente a uma disputa hegemônico-imperialista EUA-Europa-Japão, o “european dream”, essa espécie de zollverein alemão continentalizado um século e meio depois, é uma estratégia bem pensada de uma Europa que se põe entre o social-democratismo keynesiano esgotado e uma forma de social-democracia que reestruture o capitalismo anos-luz distante do fracasso neoliberal e da ter-

ceira via giddensiana da Inglaterra trabalhista. Uma percepção do autor, que além de aguda espanta fantasmas do tipo “comunidade” e “fortaleza” com que o capital disfarça sua cara nova na terra de origem do capitalismo e por isso mais sábio e sutilmente refinado que o capitalismo caipira americano ou japonês.

É também este o tema do contraponto Rússia-China do texto de Rogério Haesbaert. A comparação entre os destinos da experiência de construção de um socialismo na ex-URSS e na presente China, a desastrosa passagem a um capitalismo gerido pela máfia, na Rússia, e a uma sociedade regulada no mercado, na China, é um convite à uma reflexão sobre a reestruturação, vista pelo que se tinha até agora pelo outro lado da ponte.

Também é a reestruturação o que vê o enfoque de Ivaldo Lima, analisando o Japão. Fonte do modelo que a reestruturação segue no mundo todo, flexível, toyotista, pósfordista, neofordista, numa banalização profusa de nomenclaturas que toma por sinônimos realidades de fundos diferentes (impossível ver a realidade japonesa reproduzida em qualquer sociedade do ocidente), o Japão vê redesenhar-se nas entranhas da sua velha ordem regional, descrita por Ivaldo, a configuração de uma espacialidade nova, ilustrada na dispersão múltipla dos tecnopólos que se espalham pelo arquipélago.

É talvez a África, analisada por Cristina Pessanha Mary, o tom amargo da nova ordem global. O drama do colonialismo, criminoso na África mais que em outras paragens, traduz-se num desastre de proporções ainda pouco dimensionadas, que a imagem do sub-título do texto, “de um mundo exótico a periferia abandonada”, acende como um alerta dos efeitos da nova ordem nesse continente historicamente trágico, ao tempo que serve como sua denúncia.

Drama que parece atenuado na América Latina, mas é em realidade tão ruínosa quanto trágica, como transparece no texto de Márcio Piñon de Oliveira, dedicado ao continente. Da ocupação colonial aos espaços modelados pela industrialização tardo-acelerada, um painel de formas de sociedades diversas se edifica, mas que a tradição europeia das nossas leituras afasta de nossas vistas, a começar pelo próprio nome eurocêntrico que nos batiza no continente e que nos mutila em nossas identidades próprias. Daí uma alteridade intra-continental que não se vê e em consequência não se entreolha nas soluções que a própria vizinhança não raro oferece.

Globalização e Fragmentação no Mundo Contemporâneo aparece assim como um livro que ultrapassa as intenções iniciais de seus autores de uma alternativa didática a uma área acadêmica insuficiente de bibliografia específica e de qualidade. Porque mais que fornecer um manual atualizado ao público universitário a que formalmente se destina, une o útil ao necessário, já que ao mesmo tempo o convida a uma reflexão sobre os caminhos do mundo nesta quadra conturbada da história, a partir de estudos de peso e calcados em referenciais teóricos longamente maturados em anos de práticas de aula e pesquisas.

(Ruy Moreira)